

**CCB**

***A HISTÓRIA  
DO PEQUENO  
ALFAIATE DE  
TIBOR HARSÁNYI***  
**ars ad hoc**

**19 ABR 26**



**ARTES  
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém  
Sala Luís de Freitas Branco  
domingo, 11h00

+6

Duração aproximada: 50 min

**Francesco Filidei (1973)** *Esercizio di Pazzia I*

**Tibor Harsányi (1898–1954)** *A História do Pequeno Alfaiate*

Narração e Comentários **Susana Henriques**

**ars had hoc**

Flauta **Ricardo Carvalho**

Clarinete **Horácio Ferreira**

Fagote **Cândida Nunes**

Trompete **Tiago Peixoto**

Percussão **Afonso Primo**

Piano **João Casimiro Almeida**

Violino **Diogo Coelho**

Violoncelo **Tiago Anjinho**

Produção **Arte no Tempo**

Com o apoio de:



Foto de capa: © André Delhaye

## ***A HISTÓRIA DO PEQUENO ALFAIATE, DE TIBOR HARSÁNYI, E ESERCIZIO DI PAZZIA I, DE FRANCESCO FILIDEI***

Um dia, um pequeno alfaiate mata sete moscas de uma só vez. Orgulhoso do seu feito, cose à cintura um cinto onde se lê: «Sete de um só golpe». Convencido de que tamanha valentia está a ser desperdiçada no recato da alfaiataria, parte à aventura. Ignorando quem com ele se cruza que o famoso «golpe» se refere a moscas — e não a humanos —, é sucessivamente desafiado a enfrentar gigantes, um javali feroz e até um unicórnio. Com coragem, mas sobretudo com inteligência, astúcia e alguns truques dignos de ilusionismo, o Pequeno Alfaiate supera todas as provas e acaba por se tornar «rei para toda a vida».

Como em muitos contos dos irmãos Grimm, também aqui se esconde uma lição de moral — embora não inteiramente unívoca. Será esta a história de como os pequenos podem vencer os gigantes, à maneira de David contra Golias? Ou uma reflexão mais ambígua sobre o poder da ilusão e do engenho como caminhos para a ascensão ao poder? É precisamente nessa ambiguidade que reside parte da riqueza da narrativa.

A leitura musical de Tibor Harsányi, escrita em 1939 e estreada em abril de 1940, pouco antes da invasão alemã de França, acrescenta à fábula uma dimensão simbólica clara. Num momento em que a Europa se encontrava à beira do colapso, o triunfo da inteligência sobre a força bruta podia ser entendido como uma metáfora de resistência — uma resposta artística ao expansionismo e à violência representados pela Alemanha nazi. O alfaiate dos Grimm, figura pequena e subestimada, vence não pela força física, mas pelo engenho: uma mensagem de esperança num tempo de gigantes ameaçadores.

Tibor Harsányi, compositor húngaro de origem judaica radicado em Paris, integrava a chamada École de Paris, um grupo de artistas majoritariamente emigrantes. Num contexto de crescente xenofobia e antisemitismo, vivia a precariedade de ser estrangeiro numa Europa em convulsão. A escolha desta história — onde um herói improvável triunfa graças à inteligência — reflete não apenas uma opção estética, mas também uma condição existencial partilhada por muitos artistas exilados do seu tempo.

A obra foi concebida para um octeto instrumental e narrador — flauta, clarinete, fagote, trompete, piano, violino, violoncelo e percussão — num formato que evoca *L'Histoire du Soldat* de Stravinsky. Esta formação reduzida permitia a circulação da obra em tempos de guerra, quando as grandes orquestras estavam frequentemente desmobilizadas, e afirmava a música de câmara como espaço de resistência cultural e imaginação artística.

A partitura abre com um tema melódico que sugere um ambiente campestre, evocando uma manhã luminosa de verão. Após a compra da geleia, surgem as moscas, habilmente ilustradas pelos violinos, sopros e piano, em alternância com a música do trabalho do alfaiate, até ao célebre «golpe» que mata sete de uma só vez. O tema inicial regressa quando o herói parte pelo mundo, conduzindo-o até um palácio. Harsányi simplifica aqui a narrativa original dos Grimm, suprimindo o primeiro encontro com os gigantes e operando cortes estruturais — resultado de colaborações com adaptadores de rádio e teatro — que tornam a obra mais dinâmica e eficaz em contexto de concerto ou teatro de marionetas. A música privilegia sempre a ação imediata, mantendo o impulso rítmico da partitura.

Quando o Alfaiate adormece junto ao palácio, surge um momento de calma aparente: flautas desenhavam um ambiente sereno, mas inquieto, com harmonias lânguidas e levemente dissonantes que anunciam o que está por vir. Ao ser descoberto com o cinto «Sete de um só golpe», a sua presença é anunciada ao rei. Uma música de caráter imperial — com trompetes e percussão —, simultaneamente solene e jovial, marca a entrada da corte.

Seguem-se as três tarefas impostas pelo rei: eliminar gigantes, capturar um javali e apanhar um unicórnio, com a promessa da mão da princesa e metade do reino como recompensa. Um obstinado rítmico sugere passos em movimento, enquanto flautas e sopros evocam pássaros e paisagens naturais. Na cena do javali, a música torna-se cautelosa: *pizzicati* traduzem o medo e a expectativa, enquanto o fagote representa o animal — numa linha melódica em ciclos, que parece ilustrar um animal às voltas — evocando, não sem ironia, *Pedro e o Lobo* de Prokofiev. A perseguição culmina na captura do javali na capela, marcada por *glissandi* ascendentes e um golpe final quando a porta se fecha. Segue-se uma celebração animada, quase dançante, interrompida por uma nota aguda suspensa da flauta — sinal de que a aventura continua.

Sem demora, o alfaiate parte para a tarefa seguinte: os gigantes. O piano sugere a escalada da árvore, de onde o herói lança pedras que acordam os gigantes, habilmente caracterizadas por quedas sonoras repetidas na percussão. A luta entre eles termina na sua destruição mútua, tratada por Harsányi sem violência excessiva. O compositor suaviza os elementos mais sombrios do conto, optando por um tom irónico e satírico, típico da estética francesa dos anos 1930.

O piano anuncia o regresso do alfaiate, que contempla o resultado do seu engenho. Seguem-se honras quase militares, ilustradas por sopros e percussão. O desafio final — o unicórnio — introduz um momento de hesitação e de medo, musicalmente expresso, mas equilibrado por uma cadência em modo maior, sugestiva de esperança. Munido de corda e machado, o Alfaiate avança para a floresta. Uma valsa acompanha a sua aproximação à criatura, no único momento em que o narrador se sobrepõe à acção musical, descrevendo como o unicórnio se lança contra a árvore e é capturado. Vitorioso, o Alfaiate casa-se com a princesa e torna-se rei, provando que não é necessário ser o maior ou o mais forte para triunfar, mas sim inteligente. Uma melodia de trompete, evocando uma marcha nupcial de sabor wagneriano, conduz a um episódio de lirismo intenso e celebratório. Ao contrário da versão dos Grimm, não há aqui lugar à desconfiança após o casamento: a obra encerra-se como começou, com a reexposição do tema inicial, fechando o arco narrativo.

A *História do Pequeno Alfaiate* é, afinal, uma parábola recorrente da condição humana. Em 1939, quando Harsányi a transformou em música, a Europa vivia o prenúncio de um confronto entre gigantes, e o conto do herói improvável adquiria uma ressonância que ultrapassava a fábula. Hoje, num mundo novamente marcado por tensões geopolíticas e por assimetrias de poder, esta narrativa mantém uma atualidade quase perturbadora. Entre a força e a astúcia, entre o peso dos impérios e a leveza da inteligência, o pequeno alfaiate continua a lembrar-nos que, na História como nos contos, nem sempre vencem os gigantes: por vezes, é a imaginação – discreta, inventiva, quase invisível – que altera o curso dos acontecimentos.

E, a propósito de imaginação, a outra peça deste programa de concerto – *Esercizio di Pazzia I*, de Francesco Filidei – é um desafio à imaginação de quem a escuta e a interpreta. Aqui, os músicos trocam os seus instrumentos tradicionais por... balões. Já o público não escuta apenas sons; observa ações. O título – «Exercício de Loucura» – não é mera provocação: a peça desenrola-se numa sucessão de gestos bem coordenados, que exploram todas as potencialidades sonoras do balão enquanto instrumento: o ar que entra, o ar que sai, a fricção da borracha, a tensão elástica prestes a ceder e, finalmente, a explosão. A aparente informalidade do material contrasta com a disciplina quase obsessiva da escrita – cada gesto é medido, cada duração é controlada, cada acção é integrada numa arquitetura temporal precisa. Trata-se de um teatro sonoro onde o humor e o absurdo convivem com uma reflexão subtil sobre o que é, afinal, a «música», reconhecendo que, quando submetido a uma partitura e a uma contagem rigorosa do tempo, qualquer som pode adquirir estatuto artístico.

Tânia Valente



© Marcelo Albuquerque

## SUSANA HENRIQUES

### Comentários

Susana Henriques, natural das Caldas da Rainha, divide a sua atividade entre a docência, a criação artística, a programação e a narração de concertos. Entre 2010 e 2020, teve a seu cargo a Direção Pedagógica do Conservatório de Música da Metropolitana, a Direção Artística da Piccola Orquestra Metropolitana e, desde 2005, é professora coordenadora na Escola Raiz. Iniciou a sua formação musical aos oito anos na Sociedade Filarmónica de Alvorinha, Conservatório de Caldas da Rainha e Conservatório de Música da Metropolitana. O seu interesse pela pedagogia musical começou no ano 2000, quando iniciou a sua atividade profissional com crianças, licenciando-se na Escola Superior de Educação de Lisboa. Desde então frequenta cursos nacionais e internacionais de pedagogia musical. Apresenta-se regularmente como narradora de concertos, destacando-se as narrações com a Orquestra Metropolitana de Lisboa das obras *Pedro e o Lobo* de Sergei Prokofiev, *Carnaval dos Animais*

de Camille Saint-Saëns, *A Menina do Mar* de Sophia de Mello Breyner, *Ma Mère L'Oye* de Maurice Ravel e música de Fernando Lopes Graça. Gravou com a Orquestra de Cascais e Oeiras as obras *O Violino com Verniz de Ouro* e *As Aventuras do Trompete Júpiter*. Como narradora, participou ainda na estreia de obras do compositor Lino Guerreiro (*As Fábulas de La Fontaine*, *O Feiticeiro de Oz* e *Bichos* de Miguel Torga), tal como na estreia das obras do compositor Sérgio Azevedo (*O Veado Florido*, *O Pequeno Príncipe*, *O Grande Voo do Pardal*, *Um Conto de Natal* de Charles Dickens, *Kó & Kó Os Dois Esquimós* – com imagens da pintora Maria Helena Vieira da Silva e texto de Pierre Guegen). Apresentou-se em salas como o Centro Cultural de Belém, Cinema São Jorge, Teatro Thalia, Fórum Luísa Todi, Teatro Joaquim Benite, Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha, entre outras. Recentemente, apresentou-se nos Concertos Promenade do Coliseu do Porto (2023), na temporada de Concertos Comentados no Centro Cultural de Belém (2024) e na estreia da obra *O Cágado* de Almada Negreiros do compositor Sérgio Azevedo, uma encomenda da Casa de Portugal em Paris (2024). O trabalho que desenvolve tem proporcionado uma experiência alargada ao nível da programação, criação artística e pedagógica num contexto interdisciplinar e inclusivo para os mais diversos públicos. É Adjunta do Diretor Artístico do Teatro Nacional de São Carlos desde setembro de 2025.



## ars ad hoc

Surgido em 2018, o ars ad hoc é o projeto de música de câmara da Arte no Tempo (AnT). A partir de 2021, a música contemporânea assumiu maior proeminência no trabalho regular do grupo, que tem desenvolvido as suas residências artísticas e realizado concertos regulares na Fundação de Serralves, para além de outras apresentações em que combina a interpretação de música contemporânea com obras do grande repertório clássico/romântico/modernista. Com programação de Diana Ferreira, o ars ad hoc é formado por um corpo estável de músicos versáteis que, depois de se terem notabilizado em Portugal, completaram os seus estudos em algumas das melhores escolas no estrangeiro. Apresenta, atualmente, uma temporada regular com três programas na Fundação de Serralves (Porto), à qual se acrescenta a participação nas bienais da Arte no Tempo, no Teatro Aveirense, e em diferentes festivais internacionais portugueses, bem como a interpretação de programas «clássicos VS contemporâneos» em diferentes

localidades, com o apoio do Banco BPI | Fundação “la Caixa”. Realiza ainda audições comentadas para escolas do ensino regular na região de Aveiro, maioritariamente no âmbito do programa *crescer com a música*, da AnT. O ars ad hoc concentra-se na exploração de nova música para diferentes formações, com e sem eletrónica, interpretando com regularidade e estreando obras de compositores portugueses e estrangeiros, trabalhando, sempre que possível, em contacto direto com os criadores que, por vezes, escrevem música propositadamente para este agrupamento. Dos mais de 50 compositores sobre cuja música trabalhou, destaca-se a atenção que tem dado à produção de compositores portugueses, assim como à música de Beat Furrer (1954), Simon Steen-Andersen (1976), Helmut Lachenmann (1935), Clara Iannotta (1983) e Oscar Bianchi (1975). Mais do que procurar estrear muitas partituras e de diversos compositores, o ars ad hoc preocupa-se, sobretudo, em aprofundar a sua interpretação de diferentes obras, proporcionando-lhes diferentes leituras ao longo do tempo.



# SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA O MELHOR LUGAR

[ccb.pt/newsletter](https://ccb.pt/newsletter)



JÁ A SEGUIR

CICLO CONCERTOS COMENTADOS – ÓPERA

**CANDINHO – UMA ÓPERA PARA TODOS  
DE JOÃO GUILHERME RIPPER**

Ensemble ProART

**17 MAI**

domingo, 11h

Pequeno Auditório

+6

Concerto comentado por **André Cunha Leal**



CCB

# O lugar onde as ideias encontram o seu espaço

2 Auditórios

17 Salas

Um contexto único  
onde cada encontro acontece  
no cruzamento entre arte  
e pensamento



Organize o evento  
da sua empresa connosco



[eventos@ccb.pt](mailto:eventos@ccb.pt)

[www.ccb.pt/centrodecongressosereunioes](http://www.ccb.pt/centrodecongressosereunioes)

APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA

PARCEIRO DE IMAGEM  
E MULTIMEDIA

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA  
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

PARCEIRO PARA A  
SUSTENTABILIDADE



RTP

RTP  
antena 1

RTP  
antena 2

SONY

El Corte Inglés

associação  
pontoverde



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU